

**O tema da viagem e o formato diarístico dos romances *A neve do almirante*,
de Álvaro Mutis e *Rakushisha*, de Adriana Lisboa**

***The theme of traveling and the diaristic format of the novels A neve do
almirante, by Álvaro Mutis and Rakushisha, by Adriana Lisboa***

Luana Yakira Rodrigues Mendes¹

Tatiana da Silva Capaverde²

Resumo: Nas obras *A neve do almirante* (1986), de Álvaro Mutis, e *Rakushisha* (2007), de Adriana Lisboa, encontram-se exploradas a temática do deslocamento cultural, tema que tem estado constantemente presente na literatura contemporânea, refletindo a realidade social que hoje se vivencia de intensos trânsitos culturais. Além disso, as narrativas apresentam elementos do gênero diário mesclado ao do romanesco, estratégia que leva a uma maior aproximação do leitor ao texto narrado, adentrando ao universo intimista dos personagens. Objetiva-se, portanto, analisar comparativamente as duas obras, suas aproximações e distanciamentos, tendo como objeto de análise a temática da viagem abordada em cada uma, além da presença do gênero diário, considerando-se o percurso de autodescoberta e autoconhecimento vivenciado pelos sujeitos que experienciam a viagem e seu registro na escrita intimista. Para isso se utilizará referenciais teóricos acerca da viagem (ONFRAY, 2009; IANNI, 2003), do gênero diário (BLANCHOT, 2005; LEJEUNE, 2008) e dos gêneros híbridos (CANCLINI, 2001).

Palavras-chave: Diário; Deslocamentos Culturais; Gêneros Híbridos; Viagem.

Abstract: In the works *A neve do almirante* (1986), by Álvaro Mutis, and *Rakushisha* (2007), by Adriana Lisboa, the themes of traveling and cultural displacement are explored, a theme that has been constantly present in contemporary literature, reflecting the social reality that is currently experiencing intense cultural transits. In addition, the narratives present elements of the daily genre mixed with the novel, a strategy that leads the reader to get closer to the narrated text, entering the intimate universe of the characters. The objective is, therefore, to comparatively analyze the two works, their approximations and distances, having as object of analysis the traveling theme addressed in each one, besides the presence of the daily genre, considering the path of self-discovery and self-knowledge experienced by the subjects who experience the trip and its record in intimate writing. For this, theoretical references about travel (ONFRAY, 2009; IANNI, 2003), daily genre (BLANCHOT, 2005; LEJEUNE, 2008) and hybrid genres (CANCLINI, 2001) will be used.

Keywords: Daily; Cultural Displacements; Hybrid Genres; Travel.

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Bolsista do Programa de Demanda Social da CAPES; e-mail: luanayakira5@gmail.com, ORCID - 0000-0001-6874-6659

² Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora dos cursos de Graduação e Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR); e-mail: tatianacapaverde@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7826-7640>

1 Introdução

O escritor colombiano Álvaro Mutis Jaramillo nasceu em 25 de agosto de 1923, em Bogotá e faleceu em 22 de setembro de 2013, na Cidade do México. Era filho de Santiago Mutis Dávila e de Carolina Jaramillo responsáveis por uma rotina familiar que em muito contribuiu para a construção de sua vida literária, pois seu pai estudou direito internacional e teve uma carreira diplomática a serviço do governo o que levou a família a mudar-se para a Bélgica em 1925, quando Álvaro tinha então dois anos de idade. Já em função da família de sua mãe, realizava viagens para a Colômbia para passar as férias na fazenda do avô até a morte de seu pai, quando a família deixou a Europa e se mudou para o país de forma definitiva.

Pode-se perceber que desde sempre a vida do autor foi marcada por deslocamentos, começando com a mudança de sua família para a Bélgica, como dito anteriormente, além das viagens de férias para a Colômbia e depois sua estada permanente. Esses trânsitos realizados em barcos, que levavam dias para chegar ao destino, produziram no escritor o gosto por esses processos de deslocamento que futuramente se refletiram em muitas de suas obras, ou seja, a presença dessas mobilidades não apenas se limitou a vida real do autor como também foi transferida para seus livros, através dos trânsitos realizados por seus personagens.

Entre suas obras pode-se citar as coletâneas de poemas *Los elementos del desastre* (1953) e *Los trabajos perdidos* (1963), além das narrativas posteriormente reunidas em um único volume sob o título *Empresas y tribulaciones de Maqroll el Gaviero* (1993).³ Álvaro Mutis recebeu diversos prêmios por sua produção literária, entre eles o Prêmio Cervantes (2002) e o Prêmio Príncipe de Astúrias das Letras (1997).

A história narrada em *A neve do Almirante* [La nieve del Almirante] marca o início da saga do viajante Maqroll dentro do gênero narrativo, um gaviero, pessoa responsável por subir à vela da embarcação e registrar tudo que possa ser visto dela. Maqroll tinha como missão encontrar uma madeireira com a qual queria trabalhar e para chegar ao seu destino embarcou em uma viagem de barco pelo rio Xurandó. Esse empreendimento em que se envolveu não

³ Antologia que reúne sete romances que possuem como protagonista Maqroll, o Gaviero, que é personagem central da obra Álvaro Mutis. A coletânea foi editada pela primeira vez em 1993 em dois volumes. Os textos foram organizados em um único volume e publicados em segunda edição em 1996 e em uma terceira edição em 2001. As sete obras são: *La nieve del Almirante* (1986); *Ilona llega con la lluvia* (1988); *Un bel morir* (1989); *La última escala del Tramp Steamer* (1989); *Amirbar* (1990); *Abdul Bashur, soñador de navíos* (1991); *Tríptico de mar y tierra* (1993).

possui muitas certezas. A primeira vez que ouviu falar a respeito das madeiras foi em A Neve do Almirante, loja que pertencia a personagem Flor Estévez, mulher com quem Maqroll vivia. Além da conversa com o caminhoneiro que lhe informou acerca das madeiras, quase não possuía mais nenhuma informação e quando fazia perguntas à outras pessoas nunca lhe diziam nada mais detalhado ou lhe davam uma informação concreta, deixando o assunto sempre com um ar de mistério que perdura por toda a narrativa.

Durante a viagem o personagem foi relatando em seu diário todos os acontecimentos e situações, desde as descrições da paisagem da selva pela qual viajava como também discorreu a respeito das outras figuras presentes na embarcação: o capitão, o mecânico, o prático, assim como outros personagens que foram surgindo no decorrer da viagem por ele realizada. Também escreveu a respeito de momentos de sua vida, seu passado e reflexões diversas. Não somente relatou os acontecimentos externos, como passou para seus relatos todos os sentimentos que o deslocamento e tudo que surgia no caminho lhe causavam.

Após situações adversas e até perigos enfrentados pelo deslocamento através do rio, Maqroll chegou por fim ao seu destino. Lá não conseguiu entrar na fábrica de madeira. A aura de mistério continuou e só depois o personagem descobriu que o governo estava envolvido na aquisição de tais fábricas e que provavelmente a extração de madeira nem havia iniciado no local, que era guardado por soldados que proibiam a entrada de qualquer pessoa. Com o sentimento de frustração, Maqroll regressou, dessa vez não mais de barco e sim de avião com o Major, personagem que acabou conhecendo em sua passagem através do rio, que o deixou em um povoado onde havia a presença de caminhoneiros. Pediu carona para seguir seu caminho de volta até a loja de Flor Estévez. Para a sua infelicidade, a loja não mais existia, o local estava abandonado e destruído. O caminhoneiro que lhe deu carona, compadecido, lhe convida a seguir viagem e Maqroll aceita, rumo a outras aventuras.

Já *Rakushisha*, romance publicado em 2007, que também será aqui analisado, foi escrito por Adriana Lisboa, escritora brasileira nascida no Rio de Janeiro em 1970 que possui sete romances publicados durante sua trajetória literária, sendo os três últimos: *Todos os santos* (2019), *Hanói* (2013) e *Azul corvo* (2010). Também escreveu livros infanto-juvenis e poesia. Recebeu prêmios por seus trabalhos e tem seus títulos publicados em diversos países.

Em *Rakushisha* (2007) acompanhamos a história de duas pessoas, Haruki e Celina. Haruki é um ilustrador e morador da cidade do Rio de Janeiro. Ele foi contratado para fazer a ilustração da tradução de uma clássica obra japonesa chamada *Diário de Saga*, de Matsuo

Basho. O envolvimento com o trabalho o levou a empreender uma viagem ao Japão para ter mais contato e conhecer melhor o país natal do autor da obra que irá ilustrar, além de ser uma oportunidade de compreender melhor não somente a obra e seu autor, mas também suas próprias questões pessoais com aquele país, visto que é de onde vem seus antepassados.

Celina é a mulher enigmática com um triste passado, que trabalha com costura e que conheceu Haruki por acaso no metrô do Rio, movida pela curiosidade de lhe perguntar acerca do livro que Haruki lia, justamente o diário de Basho. Devido a conexão estabelecida entre os dois, Haruki acabou lhe convidando para ir ao Japão com ele e ela aceitou. Celina optou por ficar em Kyoto, onde decidiu conhecer lugares por onde passou o poeta japonês, enquanto Haruki, em Tóquio, buscava conhecer mais sobre a cultura do país de onde vinha sua ascendência. Os dois iniciaram então uma viagem que os levou a muitas reflexões sobre si mesmos e sobre a vida.

Da mesma forma que em *A neve do almirante* (1986), *Rakushisha* (2007) explora em sua narrativa a temática do deslocamento cultural, tema que tem estado muito presente na literatura latino-americana, representado nas narrativas de diversas formas. Além disso, as duas obras possuem em comum o fato de que estão escritas em primeira pessoa, utilizando de forma ficcional o gênero diário, cada uma a sua maneira.

Objetiva-se, portanto, analisar comparativamente as duas obras, suas aproximações e distanciamentos no que diz respeito à temática da viagem e à presença do gênero diário, que hoje vêm sendo utilizado cada vez mais como estratégia narrativa. Para isso serão utilizados referenciais teóricos acerca da viagem (ONFRAY, 2009; IANNI, 2003), do gênero diário (BLANCHOT, 2005; LEJEUNE, 2008) e dos gêneros híbridos (CANCLINI, 2001).

O diário e a viagem: duas formas de autoconhecimento

O diário é um gênero amplamente conhecido e com o tempo foi sendo cada vez mais popularizado, o que contribuiu para que essa escrita ingressasse como estratégia narrativa em romances até os dias atuais, como afirma Cunha (2013, p. 26): “A intensificação da produção e publicação de diários íntimos e a receptividade do público conduziram os escritores a procurar novos rumos na escrita diarística. Total ou parcialmente, muitos escritores elegeram o diário como *medium* expressivo”. Dessa forma, é comum encontrar diversas obras que apresentem a narrativa escrita total ou parcialmente nesse formato.

Um dos aspectos dos romances analisados é a presença do gênero diário em meio à sua narrativa. Ambos os livros se utilizam desse formato. *A neve do almirante* é escrita quase em sua totalidade neste modelo, com exceção da introdução e de alguns excertos no final do livro, enquanto *Rakushisha* apresenta sua trama ora em formato de diário, estrutura em primeira pessoa que dá voz a um dos personagens, enquanto que em outros momentos também há a narração em primeira pessoa, mas sem necessariamente estar no formato de diário, e ora sendo apresentada pelo narrador em terceira pessoa.

Percebe-se nos dois romances a apropriação de estruturas de outros gêneros narrativos configurando assim um gênero híbrido, como afirma Canclini, que ressalta a questão da hibridizade presente na cultura latino-americana, sendo representada também, na literatura (CANCLINI, 2001). Em *A neve do almirante* (2006), o narrador introdutório da trama, que encontra o livro que contém os relatos de Maqroll presos à contracapa, afirma que os relatos encontrados e que serão apresentados no decorrer da trama, são:

Uma mistura indefinível dos mais diversos gêneros: vai desde a narração superficial de fatos cotidianos até a enumeração de herméticos preceitos do que pensava ser sua filosofia de vida. Tentar corrigir-lhe a página teria sido ingênua presunção, e não traria nenhuma contribuição a seu propósito original de registrar dia a dia suas experiências nesta viagem, de cuja monotonia e inutilidade talvez o distraísse seu trabalho de cronista. (MUTIS, 2006, p. 13)

Além da voz desse narrador que supostamente encontrou os manuscritos e que sublinha a hibridizade da obra, o romance adota textualmente a estrutura diarística. Como característica inicial desse gênero pode-se apontar a presença das datas no começo de cada relato, componente importante dessa escrita. Em *A neve do almirante*, encontra-se pouco mais de trinta relatos, escritos entre os dias 15 de março e 29 de junho, todos eles com suas respectivas datações. Em *Rakushisha*, são igualmente pouco mais de trinta relatos, distribuídos entre os dias 17 e 28 de junho. Para Lejeune (2008) as datas são a base do diário. É um gênero que possui relação estreita com o calendário, por isso se faz tão importante essa especificidade da data e ambas as obras possuem as entradas com as datas referentes. Diferenciam-se pelo fato de que enquanto na primeira o diário do personagem é conteúdo predominante, em *Rakushisha* os relatos dos diários são intercalados à voz do narrador que em alguns momentos conta a história em terceira pessoa e em outros em primeira pessoa, havendo sempre esse dialogismo.

Muitos são os motivos pelos quais se mantêm a escrita de um diário. Lejeune (2008) afirma que se trata de uma escrita que se caracteriza por seu caráter passageiro. Pode-se escrever

um durante um período da vida, seja para relatar um momento específico ou uma viagem, e depois largá-lo. Poucas são as pessoas que mantêm um diário ao longo de toda a sua vida. Nas obras, os diários são escritos justamente na época da vida dos personagens em que ambos realizam uma viagem. Em *A neve do almirante*, o diarista começa a escrita de seus relatos para afastar, de certo modo, o tédio do deslocamento realizado pela selva ao longo do rio, pois, segundo suas palavras, eram o “[...] único alívio do fastio da viagem [...]” (MUTIS, 2006, p. 60), por isso acreditava que continuava a escrita simplesmente para distrair-se. Nele, o personagem vai registrando desde suas reflexões acerca de sua vida até a descrição dos locais por onde passa, da selva e dos outros tripulantes e sujeitos que conhece no percurso, como se pode perceber no trecho:

Quando posso, escrevo em folhas da mais variada qualidade e origem um diário onde registro tudo, dos meus sonhos aos percalços da viagem, do caráter e aparência daqueles que viajam comigo à paisagem que desfila diante de nós enquanto subimos. (MUTIS, 2006, p. 149 – 150)

Em *Rakushisha*, a motivação para o início da escrita parece ter surgido ao acaso, uma vez que Celina nunca pensou em ter um diário na infância ou na adolescência. A personagem afirma que talvez esteja inspirada a realizar a escrita do diário por causa dos papéis que encontrou em Kyoto. Ao se deparar com uma espécie de papelaria, fica encantada com as diferentes cores e texturas de papéis que a fascinam. Compra um caderno na loja e ele torna-se seu diário. E assim como na obra de Mutis, a personagem de Adriana Lisboa inicia a escrita de seus relatos durante a viagem ao Japão, onde registra seus pensamentos, lugares que visita, impressões, entre outros aspectos do país que visita. Essa casualidade é expressa por Lejeune, que afirma que “[...] se é diarista por acaso, não por essência [...]” (LEJEUNE, 2008, p. 258). Também Blanchot questiona a casualidade do diário: “Mas por que a forma do diário, esse relato que é o diário, não conviria a tal acontecimento, situado, datado, preso na rede dos atos cotidianos? É que nada é mais estrangeiro à realidade em que vivemos, na certeza do mundo comum, do que o acaso [...]” (BLANCHOT, 2005, p. 271 – 272). Dessa forma, o ato casual de conhecer uma livraria seria motivo suficiente para a inspiração da escrita de um diário.

Lejeune (2008) também afirma que a escrita diarística apresenta algumas utilidades, são elas: conservar a memória, sobreviver, desabafar, conhecer-se, deliberar, resistir, pensar e escrever. Ao se analisar as narrativas são identificadas algumas dessas funcionalidades na escrita dos respectivos personagens das obras.

Na seguinte passagem de *A neve do almirante*, Maqroll descreve as adversidades enfrentadas:

De todos os lugares que me acolheram neste mundo, tantos e tão variados que até já perdi a conta, este é, sem dúvida, o único onde tudo me é hostil, alheio, carregado de um perigo com o qual não sei lidar. Prometo-me jamais repetir semelhante experiência, que me fazia uma maldita falta. (MUTIS, 2006, p. 65)

Pode-se identificar mais de uma das utilidades do gênero apresentadas por Lejeune (2008). Escreve-se como forma de encontrar na escrita o apoio para passar por momentos desafiadores e difíceis, portanto, possui a função de resistir. O autor afirma que neste caso, a escrita serve como o lugar onde pode se encontrar coragem e como se vê no trecho, Maqroll passa por um deslocamento difícil e perigoso e registra isso em seu diário. Nesse mesmo fragmento, pode-se identificar as ações de deliberar e de desabafar usadas pelo personagem. O diário é utilizado para se desabafar quando faz o papel de amigo. O diarista toma o diário como o espaço onde poderá discorrer sobre seus sentimentos no momento. E no caso de Maqroll, que se encontra em um ambiente em que tudo lhe é hostil, alheio e perigoso, pode-se compreender a necessidade de algo mais amigável e conhecido, ainda que seja apenas um caderno em que se pode desabafar. Conforme discorre Capaverde: “Em *A neve do Almirante*, a escrita é o único espaço em que o protagonista se sente confortável e acolhido, pois vive o estranhamento em todos os sentidos no convívio com a selva e suas leis.” (CAPAVERDE, 2020, p. 85).

Quanto à utilização do diário para a ação de deliberar, ao final da citação Maqroll afirma não mais repetir uma experiência como essa, ou melhor, faz uma promessa a si mesmo. Quando o diário é tomado para essa função o diarista expressa um debate consigo mesmo a respeito de determinada situação e o leitor acompanha esse “‘foro íntimo’” (LEJEUNE, 2008, p. 263). Nas palavras de Lejeune (2008, p. 263), “o diário também permite acompanhar de perto uma tomada de decisão.”, que é o que o personagem de Mutis faz quando decide por não mais se colocar em situações como a que se encontra.

Em *Rakushisha*, encontra-se em trechos do diário de Celina as funções de conhecer-se e pensar, apresentadas pelo teórico. A viagem que os personagens realizam na obra acaba sendo uma viagem em que ambos vão traçar um caminho para dentro de si mesmos, é uma viagem reflexiva, que os leva a pensar sobre seus sentimentos, sua identidade e seu passado. Esse processo de reflexão é identificado logo no primeiro relato do diário de Celina, em que ela afirma a respeito da viagem:

E ainda não sei se andar equivale a lembrar, se equivale a esquecer, e qual das duas coisas é o meu remédio, se nenhuma delas, se nenhuma opção existe e se andar é o mal e o remédio, o veneno que tece a morte e a droga que traz a cura. Se vim para lembrar – se vim para esquecer. Se vim para morrer ou para me vacinar. Talvez eu descubra. Talvez nunca seja possível descobrir, desvelar, levantar o toldo, remover qualquer traço de ilusão da ilusão de caminhar. (LISBOA, 2014, p. 12)

Identifica-se o que afirma Lejeune acerca da função de autoconhecimento, em que o diário cumpre com o papel de espaço onde se realiza análises e questionamentos. Para ele “[...] a aventura do diário é, portanto, muitas vezes vivida como uma viagem de exploração [...]” (LEJEUNE, 2008, p. 263). A função de pensar “[...] comunica ao leitor a dinâmica da reflexão” (LEJEUNE, 2008, p. 264) e as reflexões dos personagens da obra de Adriana Lisboa durante a trama nos são transmitidas tanto através dos trechos do diário de Celina, como pela narração em terceira e primeira pessoa em outros momentos.

Como é possível observar, os personagens encontram no diário o espaço para manifestar suas inquietações e descobertas vivenciadas no deslocamento cultural. Assim, o formato diarístico nas duas obras está intimamente relacionado com a viagem, pois configura-se um espaço em que o sujeito descreve suas experiências frente ao novo. Através do texto em primeira pessoa em formato de diário o leitor tem acesso as questões subjetivas do sujeito que se expressa através da escrita íntima manifesta no diário. A viagem como descoberta de novos mundos quanto de autoconhecimento individual é tema literário e, nas duas obras aqui analisadas, é o gatilho para o autoconhecimento dos personagens.

A respeito da viagem, Octavio Ianni afirma em seu livro *Enigmas da Modernidade-mundo* (2003) que

A história dos povos está atravessada pela viagem, como realidade ou metáfora. Todas as formas de sociedade, compreendendo tribos e clãs, nações e nacionalidades, colônias e impérios, trabalham e retrabalham a viagem, seja como modo de descobrir o “outro”, seja como modo de descobrir o “eu”. (IANNI, 2003, p. 13)

Através desta citação pretende-se mostrar como a viagem é uma das protagonistas da formação do mundo como o conhecemos hoje. As sociedades em geral estão em algum grau envolvidas com a temática dos deslocamentos desde tempos antigos e isso as influencia em diversos aspectos socioculturais, sendo um deles, a área da literatura, que não escapa e não ignora os efeitos dessa mobilidade no mundo. Podemos citar, como exemplo, a época das grandes navegações com seus enviados a produzirem relatos sobre novas terras e novos povos,

ou os grandes mitos que conduziam o imaginário das pessoas pelas mais extravagantes histórias de viagens e aventuras.

A utilização dessa temática nas narrativas literárias não deixou de ser uma realidade ainda nos dias de hoje. Como afirma Braga e Cardoso (2019, p. 108): “[...] a viagem como tematização não se constitui em um recurso novo na arte literária, visto que se trata de um tema que se confunde com a própria formação da literatura ocidental”, ou seja, encontra-se em obras de grande importância na literatura, como a própria *A odisseia*, de Homero, ou *Dom Quixote*, de Cervantes. Apesar de a viagem ser um tema tão recorrente e antigo na literatura, os autores afirmam que nos últimos anos muitas tem sido as novas formas de se trabalhar e explorar o assunto nas literaturas contemporâneas.

A viagem pode receber diversas conceituações. Bou (2016), por exemplo, afirma que a viagem se trata de um deslocamento ocorrido de um lugar para o outro (ou uma passagem por vários lugares), sendo esse relativamente distante, utilizando-se para isso de algum meio de transporte. Pode ser para lugares mais próximos ou mais distantes (de natureza regional, nacional ou internacional) e podem ocorrer fisicamente ou simbolicamente.

Há o ponto de vista mais subjetivo também. Para Amaro (2013), o ato de viajar nos ajudar a entender melhor e a conhecer quem somos e onde estamos. Falando da área da geografia a autora se utiliza deste termo para discorrer sobre como a viagem contribui para o autoconhecimento. Em suas palavras:

A viagem atua para que conheçamos nossa própria geografia. Neste caso, a palavra geografia desafia o geógrafo a abarcar-se em territórios mais subjetivos. Falo então, de geografias da vida, de cartografias afetivas, de como os lugares ajudam a construir a noção de pessoa; da relação intrínseca e sentimentalmente travada do homem com o meio [...] (AMARO, 2013, p. 17)

Além disso, para a autora a viagem é muito mais do que apenas uma ação de se deslocar de um lugar para o outro. Ela trata a própria vida como um processo de deslocamento, uma viagem, com todas as suas descobertas e acontecimentos que ocorrem pelo caminho que contribuem para a formação da identidade de um indivíduo e seu conhecimento de mundo.

Tanto em *A neve do almirante* (1986) quanto em *Rakushisha* (2007) podemos afirmar sem dúvidas que os personagens vivem e realizam esse processo da viagem. Maqroll decide fazer a viagem em busca de um novo negócio, viajando de barco pelo rio Xurandó e vivenciando as mais incríveis, diversas ou perigosas experiências. Por sua vez, Celina e Haruki também

realizam uma viagem do Brasil ao Japão. Portanto, dentro do contexto de deslocamento físico, de um lugar para o outro - ainda que no caso da primeira obra não se saiba exatamente de que lugar se trata - os personagens vivenciam o deslocamento geográfico que caracteriza a viagem.

Quanto ao aspecto mais subjetivo mencionado por Amaro (2013), em ambas as obras, esse se faz muito presente. Vê-se, pelos relatos de Maqroll, que viagem é algo que sempre esteve presente na vida do personagem pois não era a primeira vez que passava por tal experiência. Percebe-se isso, por exemplo, nas frases iniciais do trecho já apresentado anteriormente: “De todos os lugares que me acolheram neste mundo, tantos e tão variados que já até perdi a conta [...]” (MUTIS, 2006, p. 65). E ainda que a viagem que inicia Maqroll tivesse supostamente um objetivo financeiro, buscando a madeireira para realizar a compra e conseqüentemente a venda de madeiras, esse não era o único motivo. É provável que algo a mais estivesse por trás das razões para esse personagem realizar essa viagem, visto que mais de uma vez ele menciona em seus relatos: “Nunca saberei o que me levou a embarcar nesta história. Sempre acontece o mesmo no começo das viagens.” (MUTIS, 2006, p. 21).

Em se tratando dos deslocamentos físicos que ocorrem pelo mundo, diversos são os motivos que os tornam tão presentes na sociedade. Mas, primeiramente, se faz interessante recordar que o filósofo Michel Onfray, em seu livro *Teoria da viagem* (2009), classifica as pessoas em dois tipos: as nômades e as sedentárias. Esses são os dois modos de se viver no mundo, segundo o autor. Em algum momento da vida cada um se descobrirá ou amante do movimento, da mobilidade, do deslocar-se no mundo ou da constância, do imobilismo, do enraizamento.

Entre os ditos nômades, adeptos ao movimento, diversos são os motivos que os levam a realizar tal ação. Sabe-se que as viagens não são todas iguais. Existem os mais diversos contextos, motivos e objetivos que impulsionam a mobilidade. Para começar, deve-se considerar a questão da voluntariedade ou involuntariedade do deslocamento. É de conhecimento geral que há indivíduos que viajam por turismo, à trabalho, etc. Porém, também se sabe que há diversas pessoas que viajam por motivo de sobrevivência: para fugir da violência, em busca de melhores condições de vida ou porque foram exiladas.

Rita Olivieri-Godet (2010) retrata bem essa questão ambivalente da mobilidade em seu artigo “Errância/Migrância/Migração”. Ainda que estivesse falando da representação dos deslocamentos na literatura, este fato pertence a esfera tanto do fictício quanto do real.

[...] da imagem da errância: positiva, como aventura voluntariamente assumida que, em algumas narrativas pós-modernas, evolui no sentido da busca da desterritorialização de pertencimentos, como viagem iniciática à descoberta de si mesmo e dos outros; negativa como desenraizamento involuntário, enfocando a violência das travessias impostas de territórios, representadas pelas figuras do imigrante, do refugiado, do exilado, do marginal, errantes excluídos. (OLIVIERI-GODET, 2010, p. 189).

Que a viagem de Maqroll foi voluntária percebe-se na leitura, mas além disso, ainda olhando sob o aspecto subjetivo de seu empreendimento, é possível que a madeireira fosse apenas uma fachada, isto é, uma justificativa a se dar aos outros quando questionado sobre os motivos de sua viagem. É possível que, uma vez identificado que o personagem já realizou diversas viagens, já passou por muitos lugares como ele mesmo afirma, simplesmente estar em movimento fosse algo intrínseco à sua personalidade, à sua identidade, posto que, nas palavras de Amaro (2013), a subjetividade “[...] tem a ver com a história pessoal, com o sentido estético, condições psíquicas e culturais, que determinam, em grande parte, os modos de vida do indivíduo.” (AMARO, 2013, p. 21).

Maqroll trata-se, na divisão feita por Onfray (2009), de um nômade. Amante do movimento, das estradas, do deslocar-se. O próprio personagem afirma em outro trecho: “Sempre me acontece a mesma coisa: os empreendimentos em que me envolvo têm o estigma do indeterminado, a maldição de uma astuciosa metamorfose.” (MUTIS, 2006, p. 29). Ou seja, além de afirmar não saber a razão pela qual estava naquele barco, realizando aquela viagem, afirma que os seus empreendimentos, o presente e os realizados no passado, tinham toda uma carga de indeterminação, de movimento definido pela incerteza, pois ele apenas seguia adiante, sempre em trânsito.

Quanto aos personagens de Adriana Lisboa, a viagem dos dois foi claramente voluntária e a presença da subjetividade no deslocamento de ambos talvez seja ainda mais aparente que na primeira obra citada. Além dos deslocamentos íntimos vivenciados pelos dois personagens, faz-se importante destacar que os experenciam de forma distinta, com um significado para Haruki e outro para Celina.

Logo em suas páginas iniciais se encontra algo semelhante ao que se analisou acerca do personagem de Mutis. O livro de Adriana Lisboa está dividido em capítulos narrados por Celina e outros narrados por Haruki, sendo esses capítulos subdivididos entre relatos na terceira pessoa, por um narrador observador, e em primeira pessoa, consistindo nos relatos escritos em formato de diário por um dos personagens. A narrativa se inicia pela narração de Celina e nela

vê-se a mesma incerteza ou dúvida que se apresentou em Maqroll, acerca dos motivos que levaram a personagem a realizar a viagem. Celina afirma: “Não pertenço a este lugar. E por que exatamente estou aqui, então, você poderia me perguntar [...]. Não sei muito bem, para ser honesta. Estive reaprendendo a andar. Estou reaprendendo a andar.” (LISBOA, 2014, p. 12).

Para Haruki, muito mais do que realizar uma pesquisa acerca do Japão e sobre o autor do livro que estava responsável por ilustrar, a viagem até aquele país representa a busca por autoconhecimento, de um maior entendimento acerca de sua própria identidade. Haruki tinha ascendência japonesa, porém, apesar disso, não possuía uma relação mais próxima com o Japão e sua cultura. Em certa passagem do livro, quando Haruki foi visitar o consulado para resolver a questão de seu visto para a viagem, ao ser cumprimentado em japonês ele se viu obrigado a explicar que não sabia o idioma. Sua aparência, porém, levava as pessoas a pensarem que sim e isso o fazia refletir acerca de sua identidade, como fica explicitado no trecho abaixo:

Haruki se sentia em um corpo estranho. Ele não devia estar suando. Ou que estivesse suando, mas que pelo menos falasse um japonês rudimentar. Os traços do seu rosto, seu nome, tudo lhe impunha essa responsabilidade – que, no entanto, ele nunca havia acatado. [...] Haruki sentia-se integralmente desajeitado, como se fosse o antônimo daquela bola colorida de origami. Tão atrasado, tão deselegante e antinipônico, que direito ele tinha de sair por aí usando um par de olhos puxados? (LISBOA, 2007, p. 20)

Haruki sentia-se estranho em seu próprio corpo e agora estava indo ao encontro do país que havia ignorado por quarenta anos. Tal acontecimento o fazia refletir acerca de si mesmo e de sua relação com outras pessoas, como com o pai, japonês e a amante do seu passado, também de ascendência japonesa e responsável por convidá-lo para trabalhar no livro do antigo poeta, também japonês. Ou seja, subitamente, o personagem se via cercado por todos os lados por situações que envolviam o país, levando-o a refletir acerca da própria vida e de sua identidade. Com tudo isso, por que não finalmente ir até o país? Provavelmente todas essas questões guiaram a decisão de Haruki de viajar até o Japão. Como mencionado em certo momento mais acima, existe uma relação do homem com o meio e, por consequência, como os lugares ajudam a construir a identidade do indivíduo, como é no caso de Haruki.

Enquanto para ele a viagem tinha relação com sua identidade e autoconhecimento, para Celina, por outro lado, se tratava de uma oportunidade para “continuar andando”. Utiliza-se essa expressão devido a analogia feita pela personagem com o ato de andar, o que será melhor explicado após a seguinte passagem:

Abriu-se esta porta. Agora não dá tempo de te contar como aconteceu. E ainda não sei se andar equivale a lembrar, se equivale a esquecer, e qual das duas coisas é o meu remédio, se nenhuma delas, se nenhuma opção existe e se andar é o mal e o remédio, o veneno que tece a morte e a droga que traz cura. Se vim para lembrar – se vim para esquecer. Se vim para morrer ou para me vacinar. Talvez eu descubra. Talvez nunca seja possível descobrir, desvelar, levantar o toldo, remover qualquer traço de ilusão da ilusão de caminhar. Seja como for. É só colocar um pé depois do outro. (LISBOA, 2014, p. 12)

Por mais que no início pouco se saiba sobre o passado da personagem, ficando claro apenas mais para o final do livro, percebe-se pelo trecho acima que algum acontecimento traumático aconteceu em sua vida e de, alguma forma, Celina está em busca de uma superação. Está reaprendendo a andar. A personagem não possui a certeza, pelo que se constata na citação, se a viagem contribuirá para isso, mas alguma coisa deve ser feita para que ela consiga seguir em frente. O andar simboliza o movimento, seguir adiante em busca de algo, de superação, talvez.

Amaro (2013) afirma que “[...] uma travessia inclui questões geográficas, morais, filosóficas, perceptivas. A viagem coincide às vezes com a solução próxima de um conflito moral ou espiritual” (AMARO, 2013, p. 18). Essa parece ser a situação em que se encontra a personagem de Adriana Lisboa, um conflito interior. Novamente vê-se a relevância das questões subjetivas envolvidas nos diversos tipos de trânsitos que ocorrem, visto que, a viagem tem como eixo central o “eu”, o viajante ou pouca coisa além disso (ONFRAY, 2009).

Considerações finais

Como considerou-se anteriormente, tem-se tornado cada vez mais comum a utilização do formato do diário ou de outros tipos de escrita intimista nos romances. Talvez isso tenha ocorrido porque na atualidade o interesse pela esfera privada tem se mostrado mais presente no público de forma geral. Klinger (2012) afirma que

O avanço da cultura midiática de fim de século oferece um cenário privilegiado para a afirmação desta tendência. Nela se produz uma crescente visibilidade do privado, uma espetacularização da intimidade e a exploração da lógica da celebridade, que se manifesta numa ênfase tal do autobiográfico, que é possível afirmar que a televisão se tornou um substituto secular do confessor eclesial e uma versão exibicionista do confessor psicanalítico. (KLINGER, 2012, p. 18)

Com isso acaba por ser também cada vez mais comuns os textos narrativos híbridos, que misturam, como exemplo, gêneros como relatos de viagem, cartas, e/ou diários, como visto nas obras aqui analisadas. Logo, mostra-se de fato interessante o exame sobre essas mesclas entre gêneros nos romances, levando-se em conta neste caso, um gênero como o diário, utilizado na “vida real” e tendo espaço também no meio fictício, abrindo caminho para a discussão e debate acerca da verdade do autor, do real e do fictício e suas fronteiras. Para Sílvia Cunha, “[...] a polêmica distinção entre a escrita autobiográfica e a literatura ficcional, baseada no frágil limite entre verdade/ficção, tem sido objeto de diversos estudos e polarizado inúmeras discussões teóricas.” (CUNHA, 2013, p. 26), uma vez que se podem levantar todas essas questões já citadas.

E, ainda que as obras não tragam a narrativa a respeito de uma figura pública da época ou mesmo de um sujeito real, pois trata-se de personagens fictícios, o formato de diário traz uma aproximação entre o que é narrado e o leitor, dando a sensação de conhecimento da vida privada, dos pensamentos, do íntimo do personagem. O mesmo se pode dizer do tema da viagem, também explorado pelos relatos de viagem e pelas narrativas ficcionais.

Destaca-se nas obras analisadas a relação entre viagem, diário e autoconhecimento, uma vez que ambos acontecimentos – a realização da viagem e a escrita do diário - contribuem para isso. Segundo Braga e Cardoso (2019), ao analisar o romance de Lisboa, se poderia inferir que a viagem “é ‘pela escrita de si’” uma vez que as vivências e experiências adquiridas no processo de mobilidade se transformam em escrita e em autoconhecimento. Em Maqroll, personagem de Álvaro Mutis, pode-se considerar que o seu processo de autoconhecimento advém de uma vida toda de vivências de trânsitos, uma vez que o próprio personagem afirma já ter passado por muitos lugares no mundo. Acompanha-se na trama as reflexões que o personagem faz acerca de sua vida, da trajetória e das decisões que tomou, que o levam à algumas conclusões durante a viagem. São os registros desses pensamentos de Maqroll que mostram seu percurso íntimo de autoconhecimento acerca da sua própria constituição de errante, uma vez que “[...] sob vários aspectos, a viagem desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades.” (IANNI, 2003, p. 14).

Dessa forma, pode-se concluir que as duas obras tematizam os deslocamentos culturais, especialmente aqueles que ocorrem em uma situação de viagem, além de colocar em questão o processo subjetivo de trânsito registrado na forma de diário. Dessa forma, tem-se duas narrativas ficcionais que apresentam elementos do gênero diário mesclado ao romanesco,

estratégia que leva a uma maior aproximação do leitor à perspectiva subjetiva e intimista dos personagens.

Referências

- AMARO, Fernanda Ribeiro. **Escritos de viagem e a construção do espaço vivido por meio do deslocamento**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Rosa dos Ventos, MG, 2013.
- BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. *In*: BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. cap. VIII. p. 270-278.
- BOU, Enric. Viagem. *In*: STELAMARIS, Coser (org). **Viagens, deslocamentos, espaços – conceitos críticos**. Vitória: EDUFES, 2016. p. 336 – 340.
- BRAGA, Cláudio Roberto Vieira; CARDOSO, Bruno. Imaginário da mobilidade na obra *Rakushisha*, de Adriana Lisboa: entre o fluxo e a fixidez. **SOLETRAS** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN, Rio de Janeiro, n. 38, p. 107 – 128, jul./dez. 2019.
- CUNHA, Sílvia Marisa dos Santos Almeida. O diário: emergência e caracterização do gênero. 2013. *In*: CUNHA, Sílvia Marisa dos Santos Almeida. **Dias inventados: o romance-diário na ficção portuguesa contemporânea**. 2013. 380 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Aveiro, 2013. f. 15 – 28.
- CAPAVERDE, Tatiana da Silva. Um estrangeiro pela selva amazônica: a viagem de Maqroll. *In*: MIBIELLI, Roberto; JORGE, Silvio Renato; SAMPAIO, Sonia Gomes (org). **Trânsitos e fronteiras literárias: imaginários**. Rio de Janeiro, RJ: Makunaima; Boa Vista, RR: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020. p. 77 – 97.
- CANCLINI, Néstor. Géneros impuros: graffiti e historietas. *In*: CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. 9. ed. Buenos Aires; Barcelona; Mexico: Paidós, 2001. p. 306-314.
- IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. *In*: IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 13-31.
- KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- LISBOA, Adriana. **Rakushisha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- LEJEUNE, Philippe. Um diário todo seu. *In*: NORONHA, Jovita Maria Gerheim Noronha (org). **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 257 -267.
- MUTIS, Álvaro. **A neve do almirante**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

OLIVIERI-GODET, Rita. Errância/migrância/migração. *In*: BERND, Zilá. (Org.) **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 189-209.

ONFRAY, Michel. **Teoria da Viagem: poética da geografia**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.